MÚSICAS DA FLORESTA

XIKARI ITHUPAKERI PUPÝKARY SÃKIRE

NEAI
NÚCLEO DE ESTUDOS DA AMAZÔNIA INDÍGENA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

XIKARI ITHUPAKERI PUPÝKARY SÃKIRE MÚSICAS DA FLORESTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

CONSELHO EDITORIAL
PRESIDENTE
Henrique dos Santos Pereira

MEMBROS
Antônio Carlos Witkoski
Domingos Sávio Nunes de Lima
Edleno Silva de Moura
Elizabeth Ferreira Cartaxo
Spartaco Astolfi Filho
Valeria Augusta Cerqueira Medeiros Weigel

COMITÊ EDITORIAL DA EDUA
Louis Marmoz / Université de Versailles
Antônio Cattani / UFRGS
Alfredo Bosi / USP
Arminda Mourão Botelho / Ufam
Spartacus Astolfi / Ufam
Boaventura Sousa Santos / Universidade de Coimbra
Bernard Emery / Université Stendhal-Grenoble 3
Cesar Barreira / UFC
Conceição Almeira / UFRN
Edgard de Assis Carvalho / PUC-SP
Gabriel Conh / USP
Gerusa Ferreira / PUC-SP
José Vicente Tavares / UFRGS
José Paulo Netto / UFRJ
Paulo Emílio / FGV-RJ
Élide Rugai Bastos / Unicamp
Renan Freitas Pinto / Ufam
Renato Ortiz / Unicamp
Rosa Ester Rossini / USP
Renato Tribuzy / Ufam

REITOR
Sylvio Mário Puga Ferreira

VICE-REITOR
Jacob Moysés Cohen

EDITOR
Sérgio Augusto Freire de Souza

Editora da Universidade Federal do Amazonas
Avenida Gal. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, n. 6200 - Coroado I, Manaus-AM
Campus Universitário Senador Arthur Virgilio Filho, Centro de Convivência – Setor Norte
Fone: (92) 3305-4291 e 3305-4290
E-mail: ufam.editora@gmail.com

MÚSICAS DA FLORESTA XIKARI ITHUPAKERI PUPYKARY SÃKIRE

NEAI
NÚCLEO DE ESTUDOS DA AMAZÔNIA INDÍGENA
PROGRAMA DE FORMAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

EDUA
EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

MÚSICAS DA FLORESTA XIKARI ITHUPAKERI PUPŸKARY SAKIRE
© Núcleo de Estudos Amazônia Indígena (Neai)

Organização
Mario Rique Fernandes

Conhecedores e cantadores
Koyoru Abdias Franco da Silva Apurinã, Matoma Camilo Manduca da Silva Apurinã, Kakoyoru Dário Lopes Apurinã, Tunikepa Elza Lopes Apurinã, Iuek Francisco Marcelino da Silva Apurinã, Mateãka José Araújo Lopes Apurinã e Atukatxi Otávio Avelino Chaves Apurinã

Equipe técnica
Diego Garzon, Fabiana Rocha, Guilherme Soares e Graciele Sbízero Amaral

Organização do conteúdo
Mario Rique Fernandes e Francisco Marcelino da Silva Apurinã

Revisão técnica e antropológica
Mario Rique Fernandes

Fotografias
Mario Rique Fernandes

Ilustrações
Jovens das aldeias Vera Cruz e Boa União

Instituições locais parceiras
FUNAI CTL/Pauini
Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadi do município de Pauini (OPIAJ)
Secretaria Municipal de Educação de Pauini (SEMED/Pauini – Coordenação de Educação Escolar Indígena)

Comunidades participantes
Aldeia Bom Jesus – T.I Seruini/Marienê
Aldeia Nova Vida – Baixo Seruini
Aldeia Mipiri – T.I Água Preta/Inari
Aldeia Vera Cruz – T.I Peneri/Tacaquiri
Aldeia Cachoeira – T.I Peneri/Tacaquiri

Revisão ortográfica e gramatical
Jô Santucci

Projeto gráfico, capa e diagramação
Renata Alves de Souza | Tipográfico Comunicação

Projeto *Rios e Redes na Amazônia Indígena*

Coordenação
Gilton Mendes dos Santos

Vice-Coordenação
Carlos Machado Dias Jr.

Apoio
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

Pró-Reitoria de Inovação Tecnológica – PROTEC/UFAM

Parque Científico e Tecnológico para Inclusão Social – PCTIS/PROTEC

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS/UFAM

MÚSICAS DA FLORESTA XIKARI ITHUPAKERI PUPYKARY SÃKIRE

Manaus, Amazonas

2018

APRESENTAÇÃO

A publicação MÚSICAS DA FLORESTA – XIKARI ITHUPAKERI PUPÝKARY SAKIRE é fruto de uma parceria entre pesquisadores do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI/UFAM) com lideranças e algumas comunidades apurinã que habitam um complexo de Terras Indígenas no município de Pauini, sul do Estado do Amazonas.

O NEAI é um núcleo de estudos vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM) e desenvolve atividades de pesquisa e extensão na região do Médio Purus desde 2008. Ao longo desse período o núcleo realizou seminários, cursos de extensão e pesquisas de campo, sempre contando com a parceria e a colaboração de pesquisadores, indigenistas, comunidades e lideranças indígenas e extrativistas.

No ano de 2013, o NEAI deu início ao Projeto *Rios e Redes na Amazônia Indígena*[1] na região do Médio Purus (entre os Apurinã, no município de Pauini, e os Paumari, no município de Tapauá), cujo objetivo foi a realização de pesquisas etnográficas sobre paisagens e a realização de uma *Oficina de Saberes*, visando a produção de materiais de apoio para escolas e organizações das comunidades envolvidas.

Este material apresenta um conjunto de músicas que foram selecionadas e transcritas na língua Apurinã e traduzidas para o português, buscando contribuir para a valorização da cultura e das práticas de conhecimento deste povo.

1 O Projeto *Rios e Redes na Amazônia Indígena* (CAAE 5574214.0.0000.5020, Parecer CONEP 961.083) conta com o apoio da empresa Natura (Edital Natura-Campus), em parceria com a Universidade Federal do Amazonas e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Este projeto é resultado de uma convergência de duas importantes frentes de pesquisa conduzidas no NEAI, uma no Médio Purus, com investimentos em levantamentos etnográficos e outra no Alto Rio Negro, protagonizado pelos estudantes indígenas Tukano no curso de Antropologia da UFAM.

OS APURINÃ

Os Apurinã autodenominam-se como *Pupỹkarywakory – povo/gente da floresta*. Vistos como unidade étnica, os Apurinã constituem-se hoje enquanto coletivos de pessoas dispersos em locais próximos às margens do Rio Purus, que possuem, em maior ou menor grau, laços de consanguinidade e afinidade e que compartilham uma ancestralidade, um território, uma língua – família Arawak/Maipure – e um rico complexo cosmológico e ritual. Vistos como uma totalidade, os Apurinã constituem um povo indígena numeroso – são mais de nove mil pessoas espalhadas em aldeias e nas periferias das pequenas e médias cidades do Alto e Médio Rio Purus, região essa que vai de Rio Branco a Manaus. A história deste povo foi fortemente marcada pela violência dos dois ciclos da borracha na Região Amazônica. A despeito de todas as mudanças e transformações sofridas ao longo de mais de um século e meio de relação com coronéis, seringueiros, comerciantes e fazendeiros, os Apurinã conquistaram a demarcação de boa parte de seu território, garantindo seu direito originário de continuar vivendo *na*, *da* e *com* a floresta, possibilitando assim manter suas maneiras próprias de interagir e construir seu mundo.

CHEGOU A HORA DE ME ENCANTAR (Camilo)

Assim digo,
balançou, balançou!

Assim digo, vou deixando vocês.

No chavascal vou me encantar.

Já chegou mesmo a hora de me encantar Wainamary.

Chegou a hora, o dia já vem.

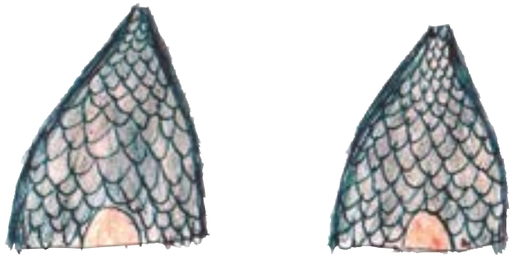
Chegou a hora, amanheceu o dia.

Assim eu digo,
balançou, balançou!

Já chegou a hora de me encantar.

Assim digo,
chegou a hora de me encantar.

Balançou, balançou,
já chegou mesmo a hora de me encantar Wainamary.



Na língua apurinã, a palavra Wainamary pode se referir tanto à cobra sucuriju, quanto a um encante. No conhecimento dos pajés, Wainamary são pessoas encantadas que habitam os chavascais (*mãnẽẽ*) e buritizais: têm suas aldeias, fazem xingané, tomam vinho, cantam e dançam. Mas só os espíritos dos pajés, por meio dos sonhos, é que sabem se comunicar com eles e visitar os lugares onde moram. Nessas visitas eles aprendem as músicas que depois são cantadas nas festas do xingané.

NIMANANE PEKARA (Camilo)

Iatukothapary,
hakehanha, hakehanha!

Nytakanapeny, iatukothapary.

Manehãne manehe nenyhãkapeny.

Inhakanhakary wainanamareewe.

Nãjanapany, pukamararahare,
wera na napany, pukatymary.

Iatukothapary,
Hakehanha, hakehanha!

Nenywanapeny, iatukothapary.

Hakehanha, hakehe,
nymananepeny.

Inhanhakary wainaynamareee.

COBRA ENCANTADA (Camilo)

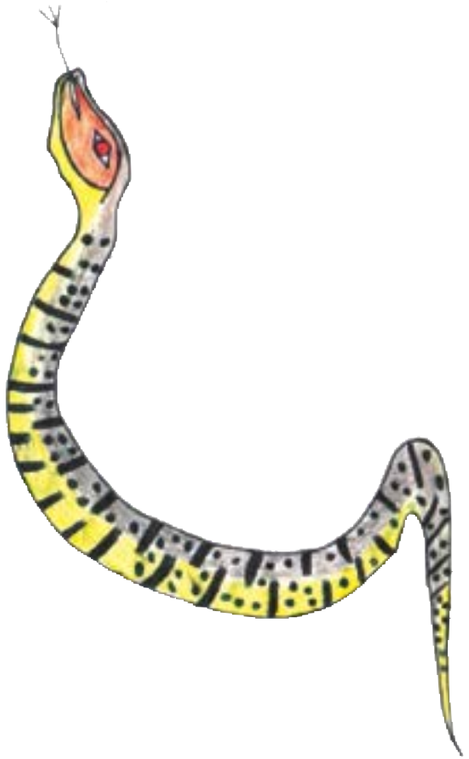
Meus parentes,
o dia já vem.

Eu digo,
chegou a hora de me encantar.

Já estou indo para o chavascal.

Eu digo a todos,
aqui vocês ficam.

Já amanheceu o dia.



As cobras encantadas dão poder para os pajés encantarem suas músicas e pintarem suas malhas no corpo durante as festas. Assim, nesse canto Wainamary é o próprio encantado que vai se despedindo cantando e se encantando, enquanto vai dançando e o dia vai amanhecendo

WAINAMARY (Camilo)

Nonyrimane,
pukahamarary enapany.

Nonyrimane,
nenywãhẽkapẽkaiwe.

Nymymahana epẽkaiwe.

Nytsaryriwẽ wainamare enamare,
pukamarary enapany, pukatymary enapany.

Nonyrimane, nenywãhẽkapẽkaiwe
nymymahãka epẽkaiwe.

Mahanehã apatape.

Nenhakarira,
wainamare enamare.

AQUI FICA MEUS PARENTE (Araújo)

Aqui na sua aldeia eu vim.

Eu aqui de novo,
vou indo embora da sua aldeia.

Eu aqui voltei,
na aldeia dos parente cheguei.

Aqui estamos,
aqui na aldeia ficam vocês.

Aqui de novo
eu voltei pra casa dos meus parente.

Outra vez que fizer festa,
eu venho de novo na aldeia dos meus parente.

Eu escuto à sua frente.

Vai amanhecendo meus parente [iiiiiiiiii].

Músicas de despedida como essa representam os laços de união do povo Apurinã entre si e com os lugares onde vivem.

O povo Apurinã sempre viveu em pequenos grupos familiares espalhados pela floresta.

A divisão em duas metades ou nações – *Meetymanety* e *Xuwapurynyry* – é o modelo apurinã de troca matrimonial que regula o casamento de seus membros, dando preferência ao casamento entre as metades.

WAI PEIKO NONERIMANE (Araújo)

Wamine waipita awapuko
wamyne.

Nutapekanara, sykekanako
nawapuko.

Nikanaperipekanã,
nawapuko apukinei
nynerimane.

Waikarana kuhĩte kaikutari
awapuko.

Nutapekanara
ikanaperipekanã awine
nynerimane.

Apakata keneri ikamine
nutakanara,

inapane awapuko
nynerimane.

Waipisoĩta noikemata
ipokiko.

Pukamarapekara
nynerimane [iiiiiiiiiiiii].

VOU DEIXAR SAUDADE (Camilo)

Eu digo, vou deixando vocês,
vou passando, vou deixando.

Eu digo, vou deixar vocês com
muita saudade,
vou deixar muita tristeza.

Porque o dia já vem,
amanheceu,
vou embora para minha aldeia.

O casamento exogamico entre as metades, combinado com o modo de ocupação disperso pela floresta faz com que os laços de parentesco entre os Apurinã se estendam por um amplo território.

As distâncias entre os locais de moradia tornam difícil o contato e, assim, a saudade é muito grande. Por isso que as festas são momentos especiais, pois permitem o encontro entre parentes distantes – pais, mães, irmãos etc. –, que ficam sem se ver por longos tempos.

NOTAKANATAPE HÍTHE HAMUNITAPE (Camilo)

Natu wakurɯa nytakana
nahapãnha tyrɯkanha nytxape,
weiwe, pytxape, weiwe.

Natu wakorũa nasykana hamumy
pyukyã nahane, weiwe, nahane, weiwe.

Pukamararÿa weenana napanyã
nahatua warako, neiwe, warako, weiwe.

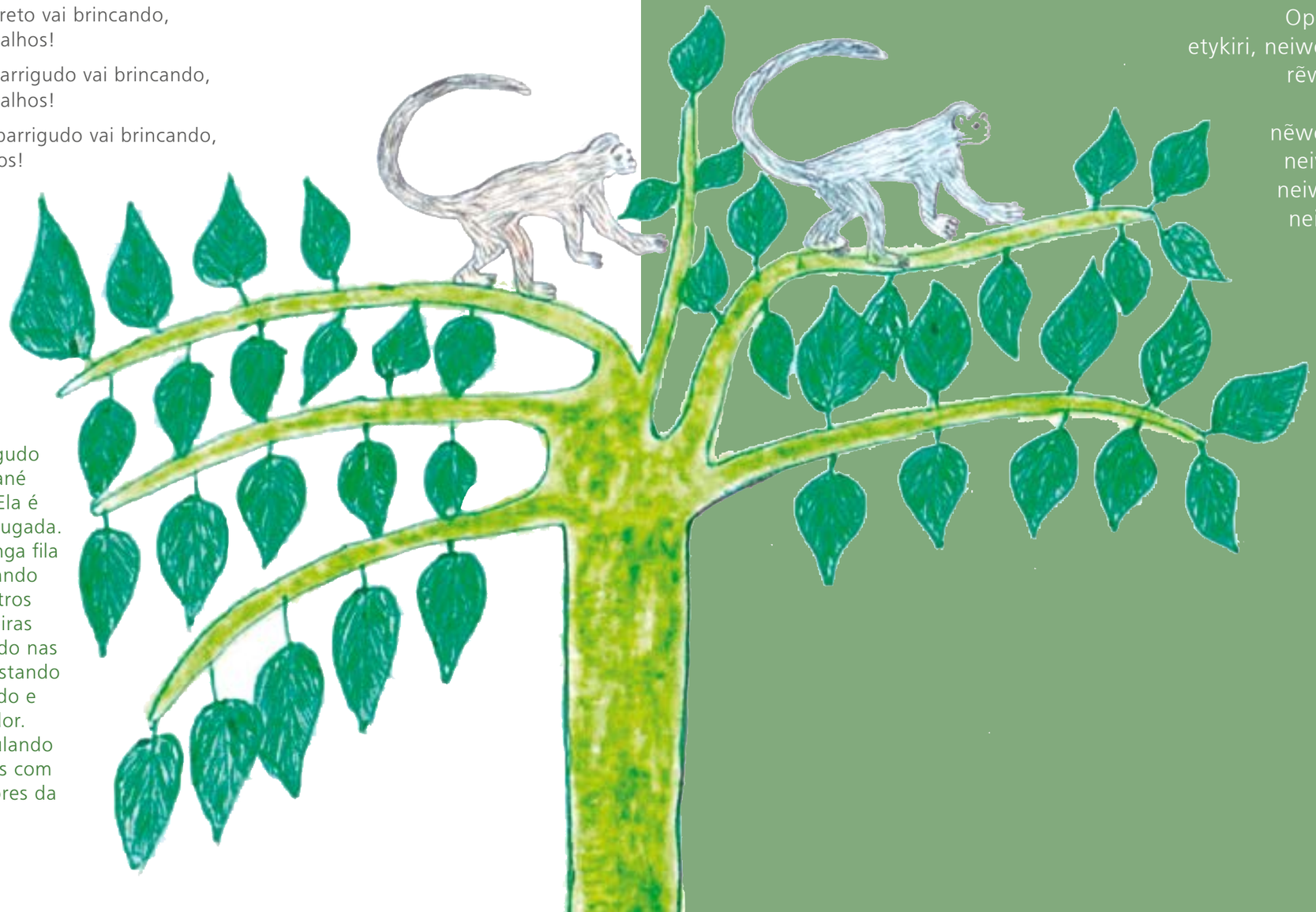
Nasykanha tyrɯkanha nyraku pytxape
nahatua warako weiwe.

MACACO PRETO E BARRIGUDO (Camilo)

Na enorme samaumeira macaco-preto vai brincando,
vai soltando e se segurando nos galhos!

Na enorme sumaumeira macaco-barrigudo vai brincando,
vai soltando e se segurando nos galhos!

No alto da grande açacu macaco-barrigudo vai brincando,
soltando e se segurando nos galhos!



A música do macaco preto e barrigudo é uma das mais animadas do xingané e dá resistência ao povo Apurinã. Ela é cantada três vezes durante a madrugada. Quando se canta, forma-se uma longa fila e os homens vão dançando e imitando o grito dos macacos, enquanto outros vão quebrando os galhos das fruteiras que estiverem no caminho, entrando nas casas fazendo muito barulho, assustando e acordando as pessoas, derrubando e quebrando tudo que estiver ao redor. Assim como fazem os macacos, pulando de galho em galho e brincando uns com os outros no alto das grandes árvores da floresta.

ETYKIRI Y ATSANARE (Camilo)

Opatuwẽ, neiwe oputuka, tẽiwe
etykiri, neiwe mahãrapy, kãnha atsanaha,
rẽwe kinypyra, tẽiwe kapotowẽ,
neiwe oputuka, tẽiwe etykiri,
nẽwe mahãrapy, kãnha atsanaha,
neiwe kinipyra, tẽiwe wasyniwẽ,
neiwe oputuka, tẽiwe kapotowẽ,
neiwe oteneka, tẽiwe atsanaha,
rẽwe kinipyra, tẽiwe.

VEADO-ROXO (Otávio)

Aqui está o veado-roxo caído no chão.

É madrugada na mata fechada.

Pupýkary caçou veado longe na mata grande onde veado mora.

Pupýkary ouvindo veado,
matou veado.

Chegou sua hora veado da mata grande.

Pupýkary derrubou veado comendo frutas na mata grande onde veado mora.

Veado que mora na mata grande pupýkary derrubou, veado da mata grande, chegou sua hora, eu digo, chegou sua hora.

A música do veado-roxo conta uma história de caça. A caça de um veado que morava muito longe, dentro da mata grande – *mytari ĩthupã*. O veado achava que não ia ser encontrado porque estava escondido dentro da mata cerrada. Mas o pupýkary quando sai pra caçar, sabe como vive o veado, onde ele dorme e onde ele come. Nessa música, bonita e triste, o cantador narra o sucesso da caçada e ao mesmo tempo parece entoar um canto de lamento pela sorte do veado, como se o próprio veado estivesse dizendo.

SOTẼWE (Otávio)

Awananihemanha sotẽwe tanha sotẽiwe.

Pukamaranhatawanha myta theneiwe.

Sotẽwe tanha tẽiwe ipanhakõkorẽiwe, popýkanhaharẽiwe irikanhanapanha mytanhareiwe ĩthupãnha awananiwemanha.

Sotẽwe tanha sotẽiwe nikenhemanhatarẽiwe, sotẽwe tanha sotẽiwe, popýkanhaharẽiwe irikanhaharẽiwe pukanhaherẽiwe, popýkanhaharẽiwe ukanhaneperẽiwe.

Sotẽwe tanha sotẽiwe mytanharẽiwe ĩthupãnha, imanhanenhekaniwe, sotẽwe tanha sotẽiwe mytanharẽiwe ĩthupãnha, imanhanerẽiwe.

Itsanhaniremanha sotẽwe tanha sotẽiwe tĩpanharanhararẽiwe tipunhokotanha, sotẽwe tanha sotẽiwe awanhaninhewanha, popýkanhaharẽiwe irikanhaperẽiwe,

sotẽwe tanha sotẽiwe mytanharẽiwe ĩthupãnha awanhaninhewanha, sotẽwe tanha sotẽiwe awanhaninhewanha, sotẽwe tanha sotẽiwe mytanharẽiwe ĩthupãnha, imanhanekaniwe.

Popýkanhaharẽiwe irikanhanaperẽiwe, imanhanekaniwe, itsanhaniremanha, sotẽwe tanha sotẽiwe mytanharẽiwe ĩthupãnha, imanhanekaniwe, popýkanhaharẽiwe irikanhaperẽiwe, sotẽwe tanha sotẽiwe [reeeeeiii].

QUEIXADAS (Elza)

Queixadas, eles mesmos
No alto dos igarapés
Queixadas, eles mesmos
No alto dos igarapés
Queixadas, eles mesmos
No açaizeiro, no murumururreiro.

Queixadas sempre andam juntos e por isso são exemplos de união e de coletividade. Como os bandos de queixadas, os Apurinã também têm seus chefes. Antigamente os chefes eram os pajés, porque eles previam por meio dos sonhos todas as coisas ruins que podiam acontecer com as pessoas da aldeia e assim defendiam o coletivo. Hoje os chefes são aqueles que detêm mais conhecimento e diplomacia para lidar com o mundo dos brancos.

IRARY/MAHAWE (Elza)

Irarynero, panira, nojo
Sotoarywe, kiwi, tanha
Paniranojo, irare, nẽiwe
Irarenojo, panira, nojo
Sotoarywe, kihiwi, tanha
Tsaperinapeiwe, irira, nojo
Kunakinapeiwe, irare, neywe
Irarenojo, panira, nojo
Mahawanẽiwe, mahawa, nẽiwe
Irarenojo, panira, nojo
Sotoarywe, kihiwi, tanha
Panira, nojo, irare, nẽiwe
Irarenojo, panira, nojo
Sotoarywe, kihiwi, tanha
Kunakinapẽiwe, panira, nojo
Tsaperinapeiwe, irira, nẽiwe
Irarenojo, panira, nojo
Mahawanẽiwe, mahawa, rẽiwe

QUEIXADA (Camilo)

Queixada, queixada,
nos pequenos igarapés os
queixadas estão.

Você escuta o barulho deles
(ekerire) assim mesmo.

Queixada, queixada,
nos pequenos igarapés os
queixadas estão.

Você escuta o barulho deles
(*ekerire*) assim mesmo.

Queixada, queixada.

QUEIXADA (Dário)

Queixada, queixada, queixada...

Antigamente, os Apurinã eram como os queixadas, vivendo na floresta viajando de um lugar para outro, sempre se movimentando.

Assim como os queixadas, também tomam banho nos igarapés e se alimentam das frutas e cocos da mata.

IRARY (Camilo)

Mahawẽiwe emahawe,
sotowã irarẽare.

Arytha eremuny, pykemanha
enajuke nowenewe ekerire,
utsarʉo emahawe, ynhaka enhakare.

Iraryẽwe irary, sotowã, irarye.

Arytha eremuny, pykemanha enajuke
nowenewe ekerire, utsarʉo emahawe,
ynhaka enhakare, irarywẽ, irary.

IRARY (Dário)

Irarẽywe, irarẽywe, irarẽywe, irarẽywe...

BURITI E QUEIXADA (Araújo)

Queixadas comendo no pé de buriti.

Fruta de buriti comida de queixada.

Anta embaixo do pé de buriti mastigando fruta.

Fruta que meus parente também come.

Buriti, ainda tem, buriti.

Buriti fruta de queixada.

Queixada comendo buriti no lugar onde mora.

Anta chupando buriti.

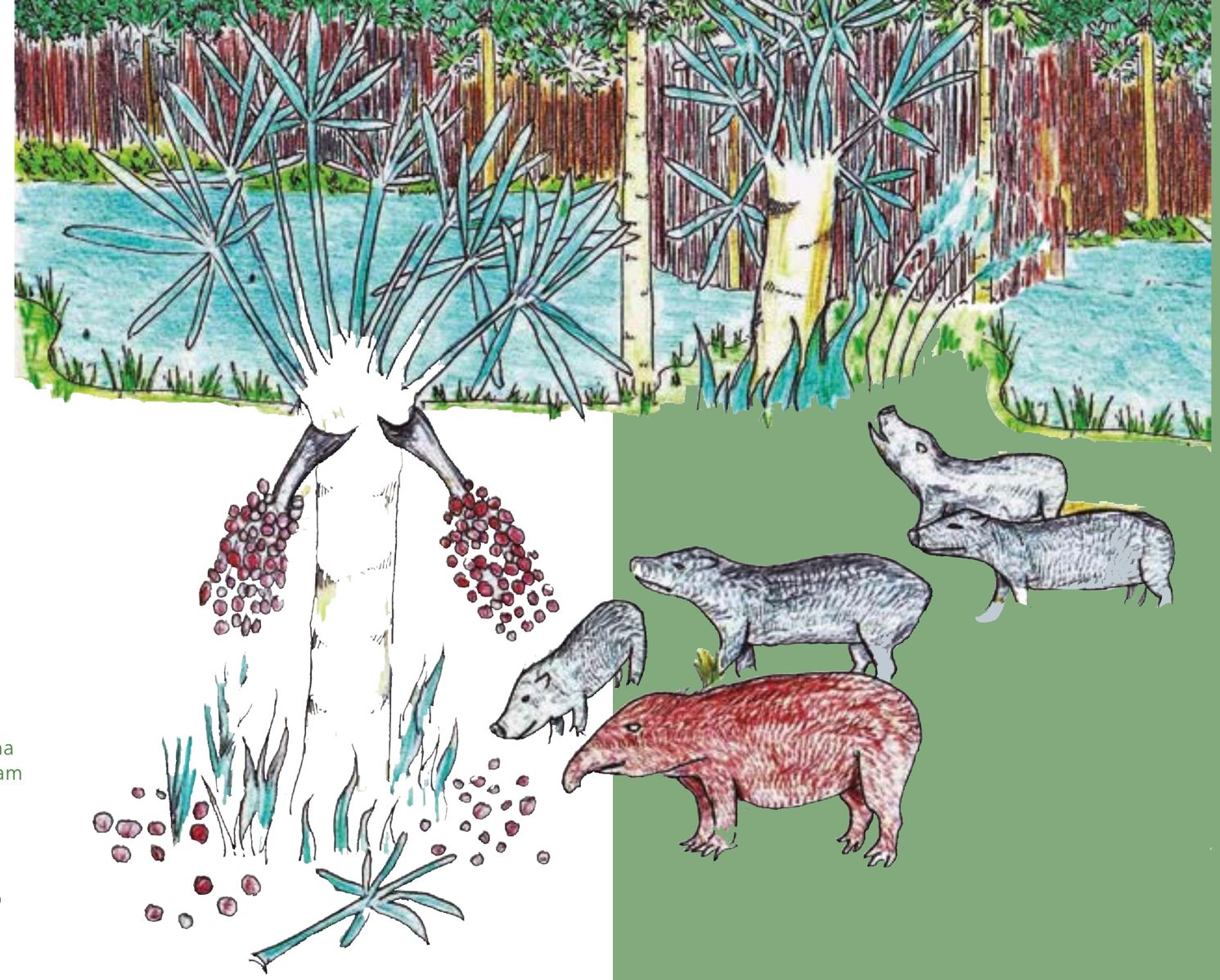
Comida que avô de anta comia.

Buriti, anta, queixada.

Queixada diz: "papapa", quebrando caroço.

Queixada embaixo do pé de buriti, quebrando caroço de buriti [uuuuuuuuuu].

Assim como muitos animais que vivem na floresta, os Apurinã também se alimentam da fruta do buriti. No tempo do buriti é comum ouvir bandos de queixadas se alimentando nos buritizais. Na língua apurinã o som das palavras queixada e buriti – *irary/kinhary* – é muito parecido e rima muito bem. Talvez por isso haja várias músicas que falam dessa relação entre o queixada, o buriti e os Apurinã.



KINHARY Y INARY (Araújo)

Kinharyẽwe amathena awakinhary.

Irary kiana tipukorewa.

Kemapataĩ amathena awari kinhary.

Aneremane tipokure kinhary.

Kinharynenha, awapany, kinhary.

Irary tipokure.

Kinhary amathena awapokurare kinharyẽwe.

Kema timari kinhary.

Kema atokiry kianara.

Kemake, kinhary, irare.

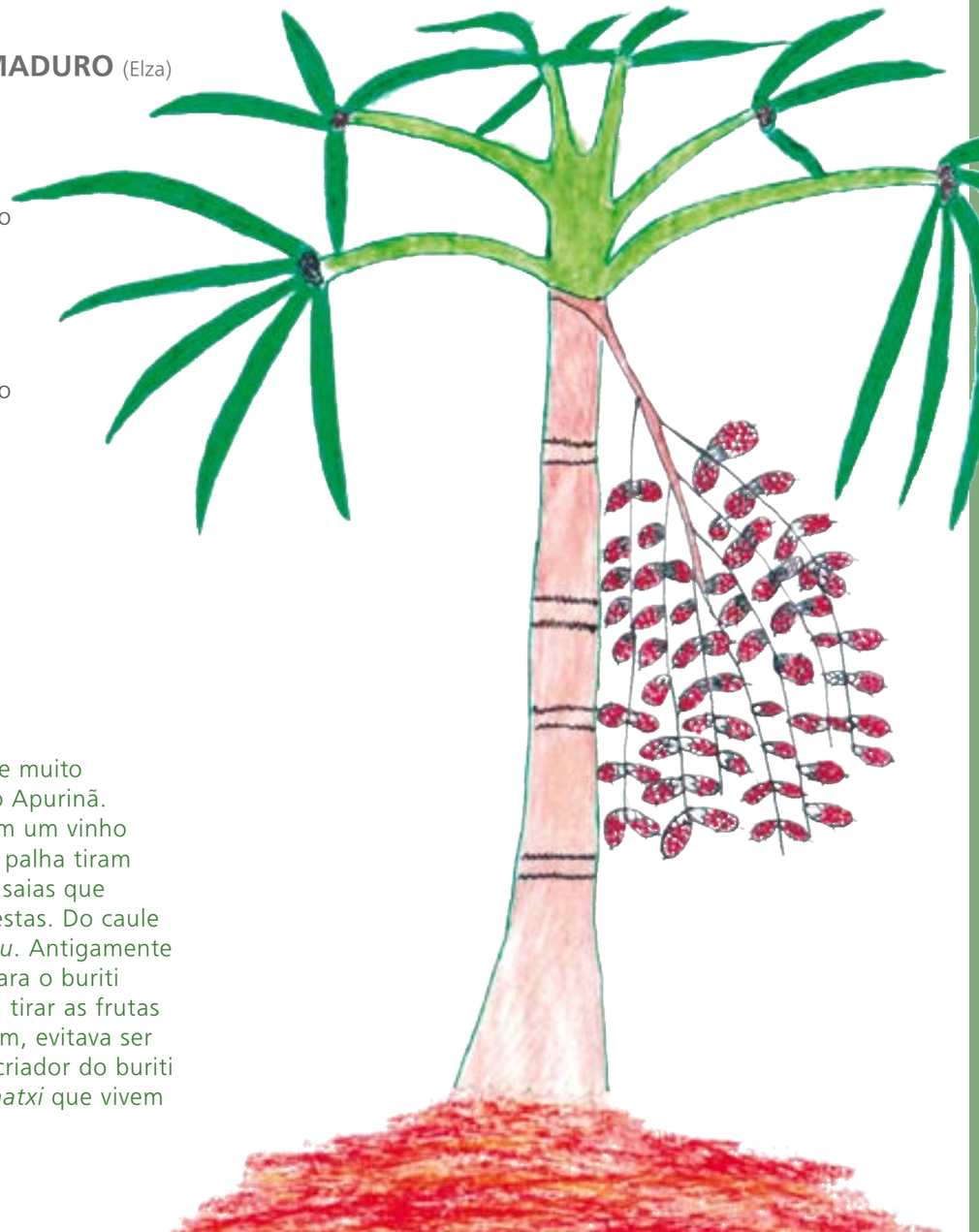
Irary amatakitary: "papapa", txari irary.

Irary kynhary patape amatakitary,

Inipokore, kinhary [uuuuuuuuuu].

MEU BURITI MADURO (Elza)

Você me ouve
Meu buriti
Meu buriti maduro
Eu canto pra você
Você me ouve
Meu buriti
Meu buriti maduro
Eu canto pra você



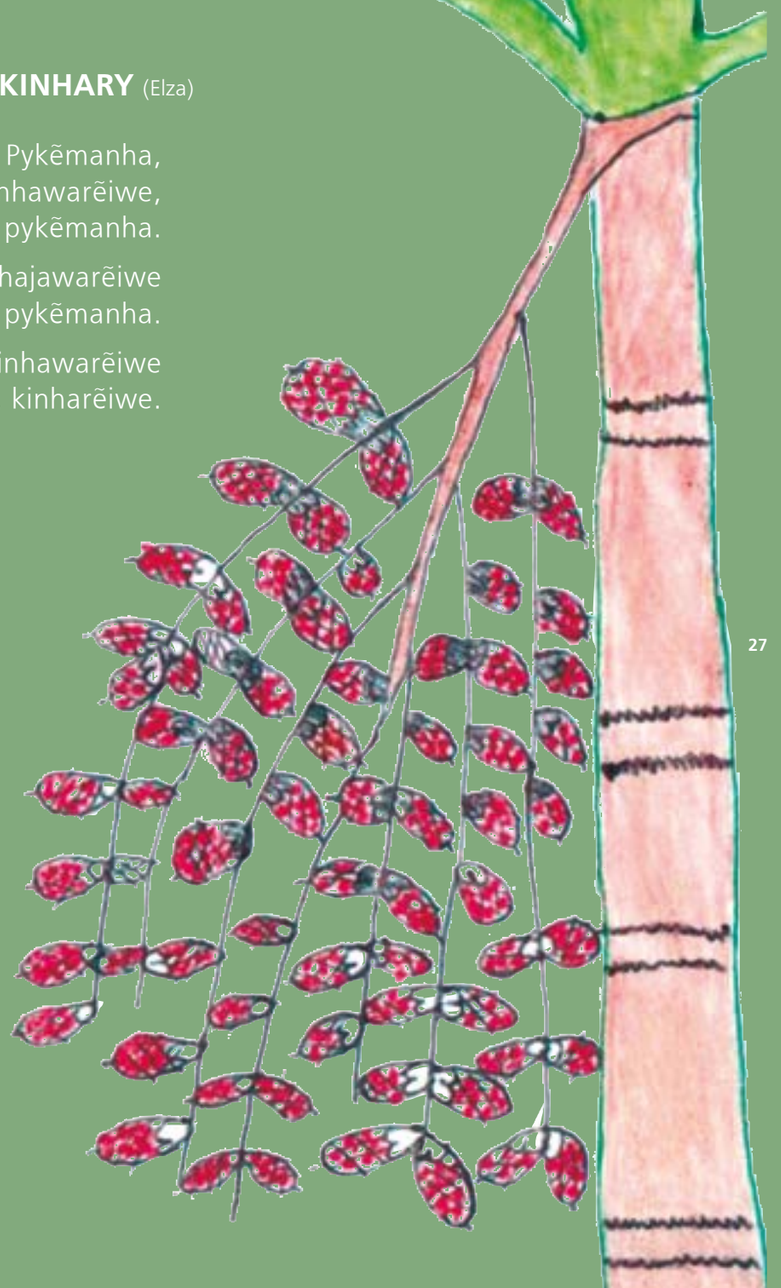
O buriti é uma árvore muito respeitada pelo povo Apurinã. Das suas frutas fazem um vinho muito apreciado. Da palha tiram a seda para tecer as saias que vestem durante as festas. Do caule esponjoso tiram o *ipu*. Antigamente era comum cantar para o buriti pedindo licença para tirar as frutas e tecer as saias. Assim, evitava ser flechado pelo dono-criador do buriti ou por espíritos *Kamatxi* que vivem nos buritizais.

KINHARY (Elza)

Pykẽmanha,
wɨkinharẽiwe nokinhawarẽiwe,
nokinhaja, kinharẽiwe, pykẽmanha.

Wɨkinharẽiwe nokinhajawarẽiwe
ekinhaja, kinharẽiwe, pykẽmanha.

Wɨkinharẽiwe, nokinhawarẽiwe
ekinhaja, kinharẽiwe.



BURITI CHEFE (Camilo)

Koẽty, imbalança, imbalança,
em cima do campo de natureza.

Em cima, em cima, koẽty, koẽty.

Imbalança, imbalança em cima
do chavascal.

Em cima, em cima, xiririko,
xiririko.

Iakekee, iakekee, em cima do
campo de natureza.

Em cima, em cima, koẽty, koẽty.

Relampeia em cima do
chavascal.

Em cima, em cima, xiriko, xiriko.

Iakekee, iakekeeeee.

Esta música é cantada pela madrugada, quando o dia vai se aproximando e a festa acabando. Tanto a música quanto a dança são bastante animadas e movimentadas. *Koẽty* é o chefe do buriti. Ele é baixo e grosso e mora nos campos de natureza e nos chavascais. Na música o narrador parece sobrevoar esses lugares encantados, enquanto vai dançando – e se encantando – e ao mesmo tempo se despedindo dos parentes ali presentes.

KOẼTY (Camilo)

Koẽty ekarukee, karuke
kimyruri nopeni.

Nopeni, nopeni, kooẽty, koẽty.

Karukee, karukee, ajamari nopeni.

Nopeni, nopeni, xiririko, xiriko.

Iakekee, iakekee, kimyruri nopeni.

Nopeni, nopeni, kooẽty, koẽty.

Karukee, karukee, ajamari nopeni.

Nopeni, nopeni, xiririko, xiriko.

Iakekee, iakekeeeee.

CHEFE DO CAJU (Camilo)

Aqui tem chefe, vinho de caju em cima, vinho de chefe de caju.

Eu digo meu nome najuka pra meu parente, aqui tem chefe, aqui tem vinho.

Eu digo meu nome, aqui tem vinho de caju, meu vinho pra meu parente de verdade.

Eu digo, tá no tempo de caju, eu digo pra meu parente.

A música Chefe do cajé conta a história sobre a viagem do pajé *kusanaty* à *Ipotoxite*, lugar onde não existe doença, nem morte. A história conta que antes de alcançar esse lugar sagrado o pajé atravessa rios de vinho de frutas – banana, abacaxi, caju etc. É a canoa que diz ao pajé sobre a verdadeira "natureza" desses rios de vinho. A música parece narrar esse estranho diálogo entre a canoa e o pajé.

ƱPATÝNHA (Camilo)

Wakurynha haỹte nowaryã penyni wupatyã hawite nowarya penyni.

Nenihãka najuka nonirimanekate wakurynha haỹte nowaryã penyni.

Opatyã haỹte nowarya penyni.

Konitapa tapary nenyãka penyni.

Opatyã waỹte nowaryã pynhawe nonerimanekate nenyãka najuka.

Noiahomanekate noxiranajuka ninhanakarinha noneriremane.

ANTA E O PAJÉ MAXA (Otávio)

Eu digo, anta grande derrubou pajé Maxahama, Maxahama.

Pajé viu anta muito forte e gorda, eu digo, chefe de anta derrubou pajé Maxahama, Maxahama.

Eu digo, anta grande assustou e derrubou pajé Maxahama.

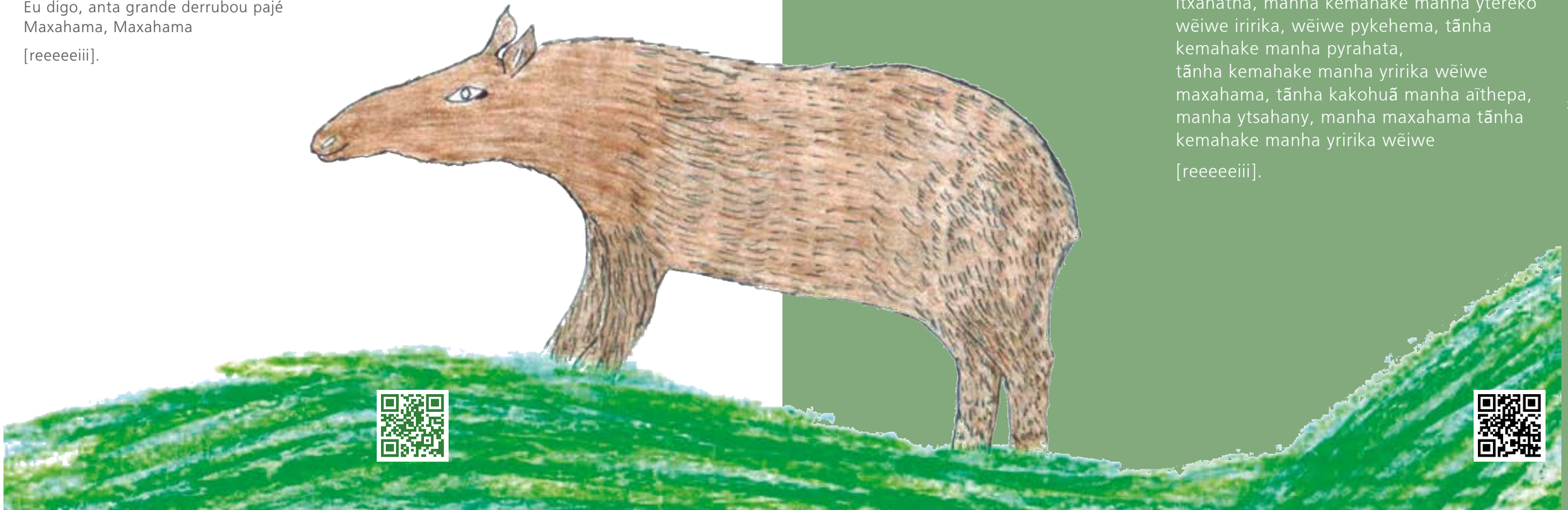
Você escuta o canto da anta grande criada na floresta.

Eu digo, anta grande derrubou pajé Maxahama, Maxahama

[reeeeeiii].

Esse canto refere-se à história do pajé Maxahama.

Cansado dos reclamos da mulher e da sovinice da sogra e dos cunhados, Maxahama resolve ir embora deste mundo, se 'encantar', depois de comer uma tripa de anta apimentada dada pela sogra. Maxa sai para caçar uma anta com seu filho e arma sua própria armadilha para o 'chefe da anta' matar ele. A música narra o momento do encontro em que a anta aparece cantando no barreiro, dando forma e sentimento à história.



KEMA Y MÉÉTY MAXA (Otávio)

Rỹpahaja, nanha kitxahape,
rẽiwe kemahake nanha ujahake,
tejã kemahake manha atuhuko,
manha itsahatha, rẽiwe Maxahama
tãnha kemahake manha yririka, wẽiwe
maxahama, nanha kakohuã, manha
ytsahany, manha maxahama tẽnha
kemahake manha yririka, wẽiwe maxahama,
tẽnha kaxiripʉ manha haĩĩte, tãnha
itxahatha, manha kemahake manha ytereko
wẽiwe iririka, wẽiwe pykehema, tãnha
kemahake manha pyrahata,
tãnha kemahake manha yririka wẽiwe
maxahama, tãnha kakohuã manha aĩthepa,
manha ytsahany, manha maxahama tãnha
kemahake manha yririka wẽiwe

[reeeeeiii].

MEU PIAU
MINHA JATUARANA (Elza)

Meu piau, meu piau, meu piau

Minha jatuarana, minha jatuarana

Minha jatuarana, buritirana,
buritirana

Jauari, Jauarí

Meu piau, meu piau, minha jatuarana

Minha jatuarana, minha jatuarana

Jauari, Jauarí, buritirana

Buritirana, buritirana

Na floresta, os Apurinã sempre estão próximos de um igarapé. Por isso, os peixes que moram nos igarapés sempre fizeram parte da alimentação. Embora o Rio Purus seja muito rico em peixe, os peixes de igarapés, como a matrinxã, o piau e a jatuarana, são os prediletos. Dizem os cantadores que todos os tipos de peixe têm a música e a ciência deles. Na verdade todos os bichos da natureza têm, mas não é todo mundo que consegue ouvir e aprender seu xingané.

WUPENANO Y PARYPANO (Elza)

Wʉpenano, wʉpenano, wʉpenano
Parypanojo, parypanojo

Parypanojo, xirikonẽywe,
xirikonẽywe

Kurywanẽywe, kurywanẽywe
Wʉpenano, wʉpenano, parypanojo

Parypanojo, parypanojo

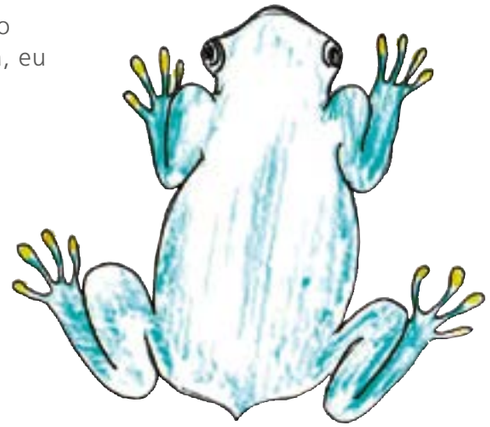
Kurywanẽywe, kurywanẽywe,
xirikonẽywe

Xirikonẽywe, xirikonẽywe.

SAPO QUE MORA NA CABECEIRA DO RIO
(Araújo)

Sapo, sapo, que mora longe na cabeceira do rio.
É assim que ele canta:

"Estou triste, essa é a casa que eu fiz, estou cantando. Meus parentes apareceram na minha casa, onde eu moro, muito longe na cabeceira do rio. Eu, Thorowa, estou brincando na minha casa, eu moro longe na cabeceira do rio" [uuuu].



A música do sapo que mora na cabeceira do rio nos remete ao tempo dos antigos, quando os Apurinã viajavam pelas cabeceiras dos grandes rios e igarapés. Um tempo em que os animais se comunicavam com os humanos. Não é apenas o som do sapo que canta. O sapo diz alguma coisa. Como um parente que mora distante, diz que ali é sua casa, que está feliz em rever os parentes, brincando e cantando.

SAPO (Dário)

O sapo ta cantando ele mesmo.

Na língua apurinã, a palavra *Thorowa* se refere a um tipo de sapo que mora na mata e ao mesmo tempo é o som do sapo quando canta falando o nome dele. Essa música, que repete seguidas vezes a palavra Thorowa, é o sapo que tá cantando ele mesmo.

THOROWA (Araújo)

Thorowa, thorowa kananee weny korɨakanane uwxipuã tynha:

"Kamatyrɨanã xipuãtyne awapuko akamyne. Wera nota ynei, nota xikarawata.

Nenirymane mutyka no awapuko, weny koro kananee, thorowa awa.

Useruanãta, uwa pyny, weny korɨa kanane" [uuuu].

THORO (Dário)

Thoroanẽywe, thoroanẽywe,

thoroanẽywe, thoroanẽywe,

thoroanẽywe, thoroanẽywe...

MUTUM (Dário)

Mutum eie
Emutumeie
Emutumeie
Emutumeie

Irãka é o nome do mutum, um pássaro que vive comendo frutas, folhas e pequenos animais no chão da mata. Esse canto é uma maneira do caçador avisar à aldeia que ele vai chegando e que trouxe um mutum da mata.

Além de possuir uma carne muito saborosa, os ossos da asa e da coxa do mutum são aproveitados para fazer o *mixikano*.

IRÃKA (Dário)

Irãkarẽywe, irãkarẽywe,
irãkarẽywe, irãkarẽywe
irãkarẽywe, irãkarẽywe
irãkarẽywe, irãkarẽywe

NAMBU (Dário)

Nambu, nambu
Nambu, nambu
Nambu, nambu

O canto da nambu nos faz lembrar a história de Tsorá – história que narra as origens do mundo para os Apurinã.

De acordo com o mito, a nambu foi criada quando Tsorá e seus irmãos transformam a velha que os criou neste pássaro, por ela não querer deixar sua casa, seus pertences e seu roçado para seguir viagem com eles.

Por isso o canto da nambu nas capoeiras antigas é sempre tão triste.

Canto de encantamento.

POTORO (Dário)

Potoroẽywe, potoroẽywe
Potoroẽywe, potoroẽywe
Potoroẽywe, potoroẽywe
Potoroẽywe, potoroẽywe

PICA-PAU (Camilo)

Pica-pau, pica-pau,
que vem da cabeceira do rio,
do rumo da cabeceira do rio.

Pica-pau, pica-pau,
que vem da cabeceira do rio,
do rumo da cabeceira do rio.

Pica-pau, pica-pau,
Pica-pau, pica-pau.

Um dia o pica-pau e o massariquinho se alagaram numa canoa cheia de borracha e perderam além da canoa quase toda a produção. Tendo salvo algumas borrachas, o pica-pau disse ao massariquinho pra ficar cuidando delas na praia, que ele iria voltar e fazer outra canoa. O pica-pau foi para a floresta e nunca mais voltou. O massariquinho ficou na praia olhando as borrachas e também não mais o procurou. E é por isso que hoje o pica-pau vive na floresta e o massariquinho nas praias da beira do Purus.

KÕKARY (Camilo)

Kõkary, weekõkary,
weny weneiwe ekijoewe,
pɯweiwe tanha eromuni.

Kõkarywe, ekõkary.

Puhururywe ekururi
weny wenywe ekiowe.

Ikuowe irumoneiwe
Tapuyewe nanha irumuneiwe

Kõkary, weekõkary,
ekururеiwe, ekurury.

GAVIÃO GRANDE DO FIM DO MUNDO (Otávio)

Chegou a hora de caçar.

Gavião grande escuta o canto.

Gavião bonito.

Estou com fome.

Gavião grande escuta o canto.

Comendo cobra no Rio Doce.

Chegou a hora do gavião grande de Yputuxity.

Gavião bonito.

Gavião grande escuta o canto.

Está triste.

Gavião bonito.

Vim de longe caçar gavião,
na cabeceira do Rio Grande.

Gavião bonito, nós comemos.

Assim mesmo.

A música do gavião grande nos conduz a *Yputuxity*, que em português se traduz como "fim do mundo". Conta a história do pajé *Awãy kusanaty* que chegou ao fim do mundo para caçar essa grande ave amazônica. O *Kokoi* vive nas florestas densas e altas, em lugares isolados. Nas árvores mais altas das terras altas ele gosta de ficar. Quando *Pupÿkari* caça um *Kokoi*, seus ossos são aproveitados para fazer o *mixikano*. Com esses *mixikanos* os pajés podem enxergar longe e prever o que vai acontecer com ele e com seu povo e assim se proteger.

Therẽwetherehepo, nanha kiriretahama nanha wimahanenihika, rẽiwe nixihininetapa ranha ojahatakahape, nanha piraretahama nanha kokoyhãwĩĩte nanha kaniikanehere, nanha ojahatakahata wãnha kokoihãwĩĩte, nanha piraretahako, nanha makĩpurutahako nanha itsahatapahare, nanha imanɨkaryyra nanha inihikatahama, nanha piraretahama nanha ikihiipahama, nanha imahananehika nanha kanihikanehere, nanha imehenukahany nanha inihikatahama, nanha putsuahahare nanha thehenereka, nanha imahananehika, nanha kokoyhãwĩĩte rẽiwe Ipuhutuxity, nanha imahananehika, nanha kanihikanehere, nanha kokoyhãwĩĩte nanha ojahatapahare, nenhe nikẽhemanehere nanha kamahatynaneiwe, nanha kokoyhãwĩĩte nanha putsuruwaahary, nanha ixihinitahama, rẽiwe imahananehika, nanha therehetherehija nanha piraharetahãma, rẽiwe kamahatyhanane nanha marynytahaako, nanha anihikatahama, nanha xiniriretahama, nanha inahakatahapo nanha ojahatapahare nanha aikijukahane, nanha kokoyhãwĩĩte nanha anihikane nanha iahatukohare nanha [reeeeeiii reeeeeiii].

GLOSSÁRIO DAS MÚSICAS

Aikiju – (adv.) foz do rio

Ajamary – (subst.) chavascal

Amata – (verb.) quebrar, quebrando

Amatakitary – (verb.) quebrando caroço

Amathena – (verb.) mastigar, mastigando

Apakata – (adv.) outra vez, novamente

Apukinei – (verb.) chegar, cheguei

Atokiry – (subst.) avô

Atsanare – (subst.) macaco-barrigudo

Awa – (verb.) morar, pertencer, existir

Awakinhary – (adv.) tem buriti, buriti com fruta

Awapany – (adv.) ainda tem

Awapuko, **awapokurare, awapukuty, awine** – (subst.) lugar de moradia, aldeia

Erumone – (adv.) do rumo, que vem de lá

Etykyry – (subst.) macaco-preto

Haĩte/waĩte – (subst.) chefe, dono

Hakehanha – (verb.) tremedal, balançar, sacudir, vibrar

Hamuny – (subst.) saudade

Iatukothapary – (verb.) dizer, assim digo

Imanekaniwe – (verb.) chegar a hora

Ikihipahama – (verb.) tomar banho

Inhanhakari, enhakare – (adv.) assim mesmo

Inipokore – (subst.) fruta, fruto

Ipakõko – (adj.) deitado

Irary – (subst.) queixada

Irãka – (subst.) mutum

Iretahama – (verb.) ouvir, ouvindo

Ĩthupa – (subst.) floresta madura

Itsanĩre/Itsarahatha/utsarto – (verb.) dizer, falar

Kakohuã – (adj.) forte, gorda

Kamaty – (verb.) dizer, comunicar

Kamine – (verb.) fazer, realizar

Kanane – (adv.) longe, distante, longínquo, remoto

Kanikanehere – (subst.) gavião bonito

Kema – (subst.) anta

Kemahake – (subst.) anta grande, chefe de anta

Kemake, kemata – (verb.) ouvir, escutar

Kiana – (subst.) comida, alimento

Kijoewe – (adv.) cabeceira de rio

Kimyruri – (subst.) campo de natureza [*paisagem campestre nativa que existe na cabeceira dos rios e igarapés, sendo muito respeitada pelos conhecedores, por ser considerado um local encantado*]

Kinhary – (subst.) árvore de buriti

Kinypyra – (verb.) brincar

Kirire – (verb.) atirar

Kitary – (subst.) caroço de fruta

Kitxahape – (adv.) antigamente

Kiwi – (adv.) cabeceira de igarapé

Koẽty – (subst.) chefe de buriti

Kokoy – (subst.) gavião-real

Kokoihawĩte – (subst.) gavião grande, gavião chefe

Kõkary, kurury, kõkory – (subst.) pica-pau, pinica-pau

Kone – (adv.) não

Kopatowẽ, opatuwẽ – (subst.) árvore samaúma

Koruã – (adv.) cabeceira de rio

Kurywa – (subst.) palmeira jauari

Kusanaty – (subst.) pajé, xamã

Mahãrapy – (verb.) segurar

Mahawa – (subst.) queixada

Manehãne, **manehe** – (subst.) chavascal

Maxahama – (subst.) Maxa, nome do pajé

Mẽẽty – (subst.) pajé, xamã

Mixikano – (subst.) canudo de aspirar rapé, também chamado de katukano

Mutyka – (verb.) aparecer, vir

Mytari – (adj.) avantajado, grande, alto, amplo, vasto

Nahapãnha – (verb.) passar, vou passando

Nakĩ – (verb.) pegar, pegou

Natsa, natxa – (subst.) fome

Napany – (adv.) já vem, chegou a hora

Nasykana – (verb.) deixar, vou deixar

Natu – (verb.) dizer, eu digo

Nekate – (adv.) mesmo, de verdade

Neniwãka, nenihãka – (verb.) vou me encantar

Nika – (verb.) comer

Nixininetapa – (verb.) comecei

No, nota – (pron.) eu, meu, minha, dono de

Nojo – (adj.) mesmo, o próprio

Nawapuko – (adv.) minha casa, meu lugar

Nikanaperipekanã – (verb.) voltei

Nonerimane, nenirymane – meus parentes, afins

Nonhakarira – (verb.) eu digo

Nopeni – (adv.) em cima, acima de

Nowenewe – (subst.) barulho, tumulto

Nutapekanara – eu aqui de volta, novamente

Ny – (pron.) eu

Nyãka – (subst.) nome

Nykemanha – (verb.) estou ouvindo

Nymymana – (adv.) já chegou a minha hora

Nytakanapeny – (verb.) deixar, vou deixando

Nytsary – (verb.) dizer, eu digo

Ojatakahape – (verb.) caçar

Oputuka – (verb.) soltar, pular

Oteneka – realmente, de fato

Parypa – (subst.) peixe jatuarana

Parypano – minha jatuarana

Patape/pataĩ – (adv.) abaixo, que se direciona ao chão

Peiko – (verb.) ficar

Pekawe – (adv.) assim mesmo, de modo exato

Penyni – (adv.) em cima/acima de

Piraretahama – (verb.) você escuta

Potoro – (subst.) ave nambu

Pukamara – (subst.) dia, claridade, luz do sol

Pukamarary – (verb.) amanhecendo

Pukamararỹa – (verb.) amanheceu

Pukatymary – (verb.) amanhecera o dia

Pupỹkary – (subst.) indígena genérico ou gente que vive na mata

Puruta – (verb.) despelar

Putsua, putxuaru – (adj.) doce

Py – (pron.) você, seu, sua

Pykemanha/pykehema – (verb.) você ouve

Pynhawe – (prep.) para você

Pyrahata – (subst.) sua criação, rebanho

Pytxape – (verb.) dizer, você diz

Pyukiã – (adj./subst.) você triste, tristeza

Rɯanã – (subst.) tristeza

Seruanãta – (verb.) brincar

Sotoarywe/sotowã – (subst.) igarapé

Soty/Sotẽwe – (subst.) veado roxo

Sykekanako – (verb.) ir embora, indo

Takana – (verb.) deixar, ir embora

Tapary – (verb.) dizer, disse

Thoro, thorowa – (subst.) sapo

Timari – (verb.) chupar, consumir

Tipukore – (subst.) fruta da mata

Toty – (subst.) homem velho, vovô, sábio

Tsaperiki – (subst.) palmeira açaí

Tsaperiwapeiwe – (subst.) açaizal

Txari, txape – (verb.) dizer

Ukanapere – (verb.) matar, matou

Ʊpatỹnha – (subst.) chefe do caju

Utsarɯo – (verb.) dizer, disse

Uwa – (pron.) ela

Uwapiny – (pron.) ela mesmo

Wai – (adv.) aqui, neste lugar

Waikarana – (adv.) aqui estou, aqui estamos

Wainamary – (subst.) cobra sucuriju, encante

Waipeiko – (adv.) aqui fica

Waipisoĩta – (adv.) aqui à sua frente

Wãka/hãka – (verb.) encantar

Waku – (verb.) ter, haver

Wariã – (subst.) vinho, bebida feita com frutos

Wamine – (verb.) vir, comparecer

Wasyniwẽ – (subst.) árvore açacu

Weny – (subst.) Rio Purus

Wenyty – (subst.) rio grande, rio sagrado

Wimanihika – (adv.) chegou a hora

Wɯkarẽwe – (adv.) amadurecido, pronto pra ser consumido

Wupatyã, opatyã – (subst.) cajueiro

Wɯpena – (subst.) piau (peixe)

Xikarawata – (verb.) cantar, cantando

Xikary – (subst.) canto, cântico, música

Xipuã – (verb.) cantar

Xiriko – (subst.) buritirana

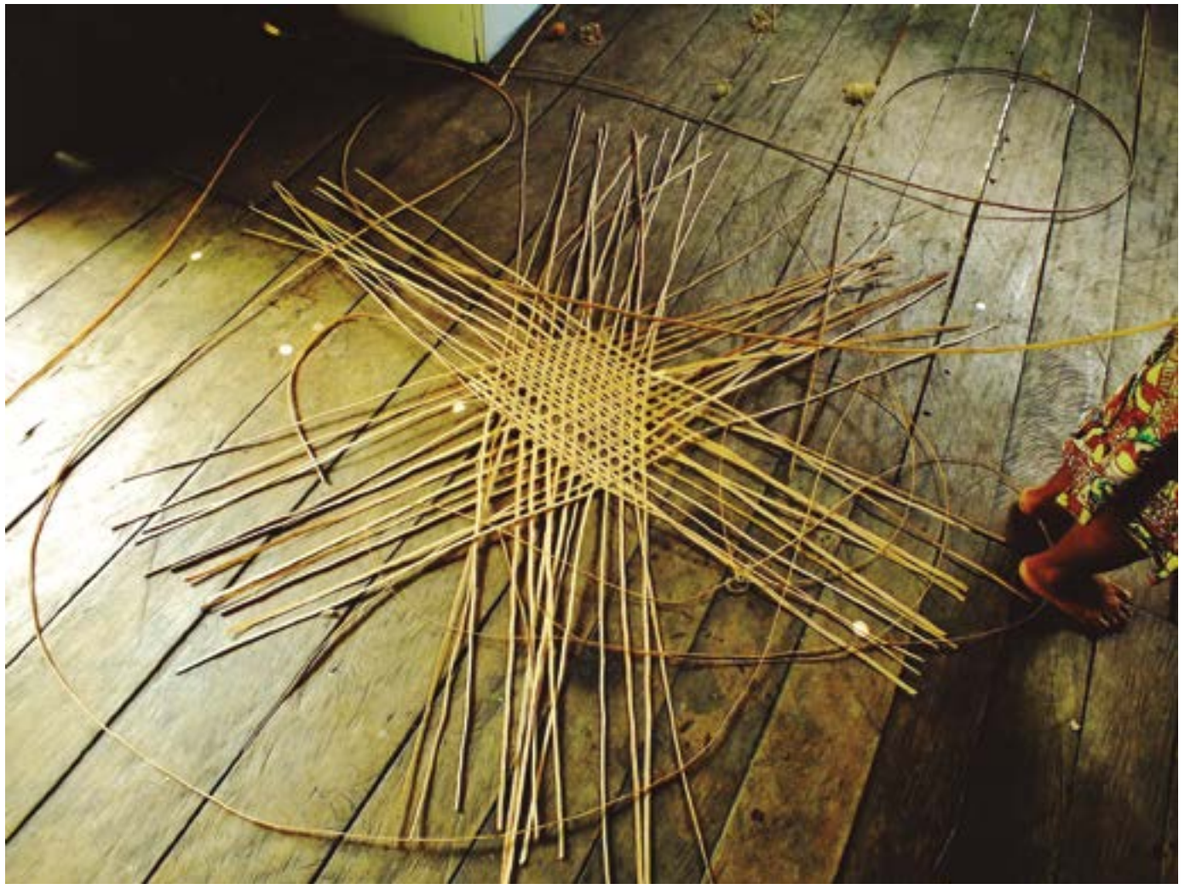
Ynei – (verb.) vir, vim

Yririka – (verb.) derrubar, matar

Ytereko – (adj.) assustado

Ytsahany – (verb.) dizer, digo

OFICINAS DE SABERES



Pequenos encontros entre conhecedores e professores indígenas com pesquisadores do NEAI, as chamadas *Oficinas de Saberes* aconteceram entre os povos Apurinã e Paumari, nos municípios de Pauini e Tapauá, respectivamente, e serviram de suporte para construção deste material. A proposta das oficinas foi trabalhar temas específicos sobre o conhecimento desses povos, tendo como referência suas formas de perceber, habitar e se relacionar com a grande Floresta Amazônica.

Os temas e as metodologias utilizadas foram distintos para cada povo, considerando suas especificidades culturais e geográficas. Em ambos os casos, no entanto, houve algo em comum: os temas foram discutidos em conjunto com os professores e lideranças indígenas e tiveram como ponto de partida duas pesquisas de conclusão do curso de magistério indígena, Pirayawara.

Entre os Apurinã o tema foram as músicas – também chamadas de "cânticos" ou "modas" no linguajar dos mais velhos, e *xikari* na língua apurinã – cantadas durante suas festas/rituais tradicionais – *kÿÿnyry ixitikery* – conhecidas regionalmente como *xingané.*

A ideia de transcrever e traduzir para o português os cantos apurinã trazendo-os para o papel foi um processo que basicamente ocorreu em dois momentos. O primeiro foi um ciclo de leituras e pesquisas sobre os Apurinã, possibilitando elaborar um aporte teórico-metodológico e uma proposta de tema para ser levada e discutida com os professores e lideranças indígenas em Pauini. O segundo foi a discussão dessa proposta com professores, coordenadores e lideranças indígenas da Opiaj, da Coordenação de Educação Escolar Indígena do Município (Semed/Pauini) e com a base local da FUNAI (CTL/Funai).

Discutimos a proposta de escrever um material sobre o xingané, tendo em vista ser esta uma temática que reúne vários aspectos da cultura apurinã, desde músicas, danças, ritmos, pinturas, vestimenta, trançados, cerâmica, comida e bebida, até questões como casamento, organização social, clãs, famílias, religiosidade e relação dos Apurinã com seus ancestrais.

Tendo em vista a amplitude do tema do xingané, escolhemos trabalhar de forma específica a questão das músicas cantadas nessas festas, tendo como ponto de partida a pesquisa de conclusão de curso do professor Francisco Marcelino da Silva Apurinã (*Iuek*) junto com seu avô, *toty* Camilo (*Matoma*), antigo conhecedor e cantador de muita experiência. A ideia, portanto, foi aprofundar a pesquisa do professor Chiquinho com seu Camilo e ampliá-la ouvindo cantadores de outras regiões e aldeias.

Como foram feitas as oficinas

Em seu conjunto as músicas apurinã constituem um *corpus* de conhecimento ancestral compartilhado ao longo de todo o Médio e Baixo Purus, por onde os Apurinã estão distribuídos atualmente. Observou-se, contudo, que as músicas – em termos de ritmos, significados etc. – podem variar de região para região, de lugar para lugar, de pessoa para pessoa, ainda que os temas possam ser os mesmos. Dessa forma, uma das condições básicas para registrar a variedade do repertório musical apurinã dentro do complexo de T.Is em Pauini foi fazer pelo menos uma oficina na região do Purus de Baixo – ou seja, nas T.Is abaixo da cidade de Pauini, para quem desce o Rio Purus – e outra na região do Purus de cima – nas T.Is acima da cidade de Pauini, subindo o rio.

Sendo assim, foi traçado um itinerário em duas etapas: a primeira que começaria pelo Purus de Baixo e a segunda pelo Purus de Cima. Inicialmente, foram identificadas as aldeias onde havia cantadores nessas duas regiões e, depois, selecionadas as mais viáveis, levando em conta a distância, o percurso e a pessoa com quem se iria conversar – personalidade mais aberta ou fechada e facilidade de relacionamento. Todavia, com o desenrolar do trabalho verificou-se que não haveria tempo suficiente para visitar todas as aldeias previstas e, assim, durante a viagem, deu-se prioridade àquelas aldeias onde seriam encontrados os cantadores mais velhos.

Itinerário das oficinas

Ao final, as oficinas itinerantes foram realizadas em cinco aldeias abrangendo as três T.Is, das regiões de Baixo e de Cima do complexo (Cf. Mapa).

No **Purus de Baixo** iniciamos a pesquisa no Rio Seruini, visitando duas aldeias dentro e fora dos limites da T.I Seruini/Marienê. Dentro da T.I, na Aldeia Bom Jesus, foi realizada a oficina na casa de seu Dário e dona Cecília, com a presença de seus irmãos e sobrinhos.

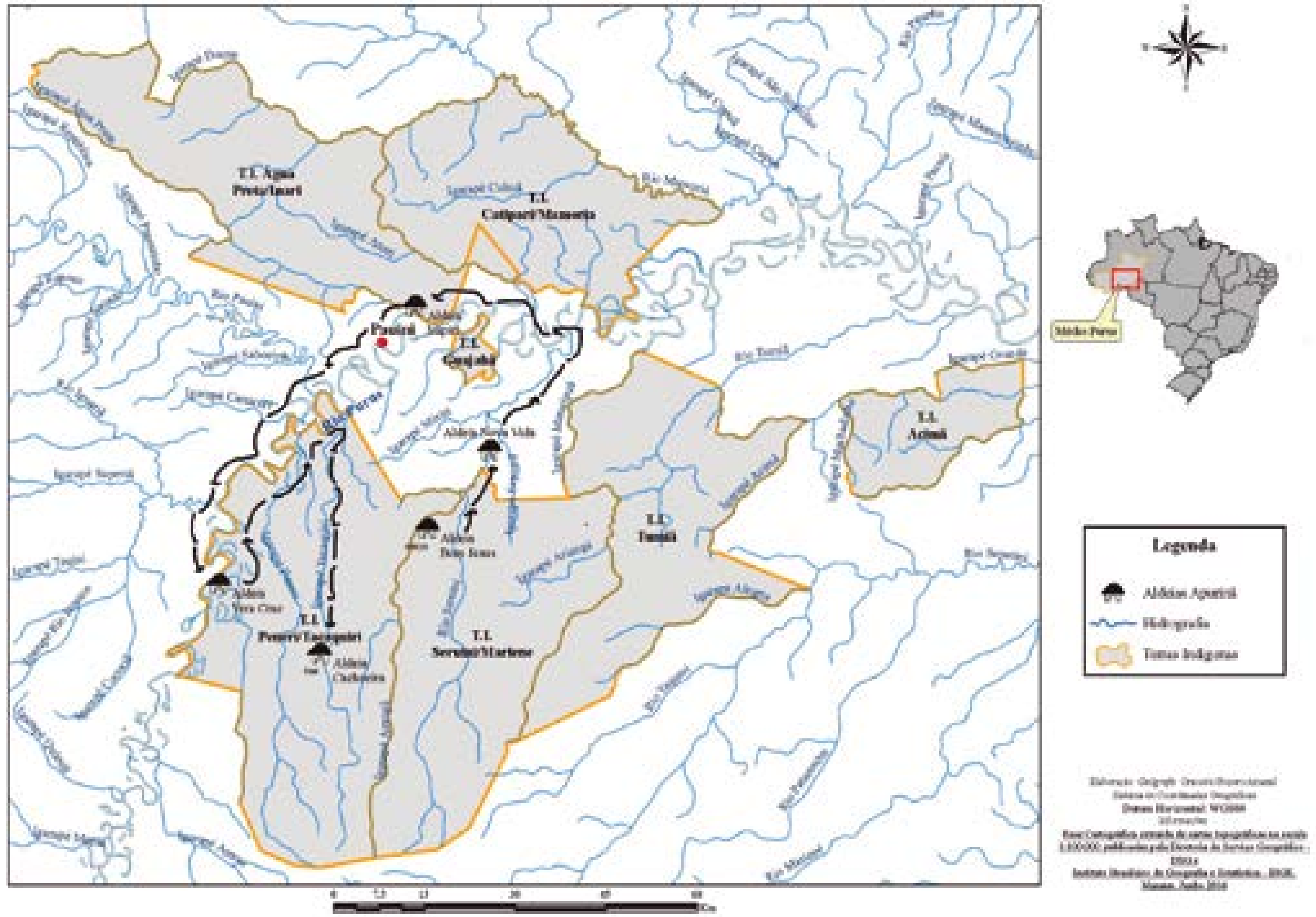
Da Aldeia Bom Jesus, seguiu-se para Aldeia Nova Vida, para conversar com seu Araújo, tio de seu Dário e irmão de dona Elza. Na Aldeia Nova Vida, contou-se com a participação entusiasmada do professor Elias e sua esposa, Taty, que auxiliaram na interlocução com seu Araújo.

Saindo do Rio Seruini, ainda no Purus de Baixo, seguiu-se para a Aldeia Mipiri, próximo da boca do igarapé Água Preta, localizada dentro da T.I Água Preta/Inari. Os principais interlocutores ali foram os *totys* e irmãos, seu Otavio e seu Felinto, ambos com mais de 90 anos. Dona Valdeci e seu Abdias, cacique antigo, professor da aldeia e filho de seu Otávio, também contribuíram e participaram das oficinas auxiliando na interlocução com seu Otávio.

No Purus de Cima, a primeira aldeia visitada foi a Vera Cruz, antigo seringal Bananeira, na beira do Rio Purus, onde mora o *toty* Camilo. Sua grande simpatia e seu amplo repertório ajudaram muito a realizar a pesquisa e a prolongar a permanência no local.

Embora houvesse outras aldeias na região de cima para visitar, o tempo curto fez com que se seguisse da aldeia Vera Cruz para a Aldeia Cachoeira, no igarapé Tacaquiri, onde vive dona Elza, uma velhinha muito respeitada na região que, malgrado seus mais de 90 anos, vive uma vida saudável, carregando paneiro de lenha nas costas e indo sozinha ao seu roçado. A simpatia de dona Elza, junto com a receptividade da aldeia e a beleza do lugar, fez prolongar a nossa permanência até o retorno à cidade de Pauini.

Itinerário das Oficinas



Transcrição e tradução das músicas

Ao longo desse itinerário entre as aldeias foram gravadas muitas horas de conversas, causos, histórias, mitos, reuniões e, claro, músicas. Para o registro dos cantos utilizou-se um celular, um gravador de áudio simples (Panasonic RR-US470) e uma câmera fotográfica para o registro em vídeo. Isso permitiu reunir um acervo audiovisual interessante, consistindo em um material bruto de pesquisa.

As músicas reunidas neste livro foram transcritas na língua apurinã e traduzidas para o português. Mesmo abrangendo apenas parte do repertório reunido, cada "cântico" neste livro, do mais simples ao mais complexo, permite que sejam observados e estudados o ritmo e a melodia, o modo de pronunciar as palavras, a altura e intensidade dos sons emitidos e as rimas. Além das traduções, cada música vem acompanhada por pequenas vinhetas e ilustrada com desenhos feitos pelos próprios Apurinã.

A tradução dos cantos para a língua portuguesa foi um processo delicado e bastante arriscado, uma vez que toda tradução corre o risco de não ser fiel à sua língua original. Apesar do desafio, a transcrição e a tradução literal das músicas na língua apurinã foram feitas pelo professor Francisco Marcelino. Coube à equipe do NEAI a responsabilidade de transformar essas traduções em uma escrita poética e ordenada, sem perder a fidelidade do sentido de cada música.

Por fim, no final do material consta um pequeno glossário com o significado das palavras contidas nas músicas, no intuito também de dar condições para outras possíveis novas traduções.

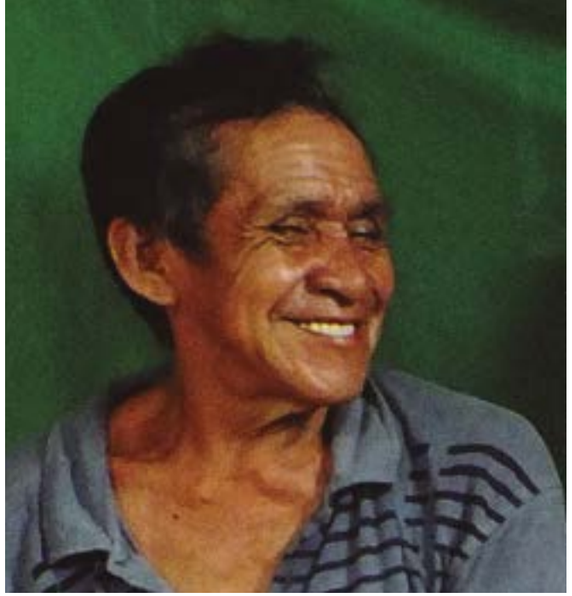
Por que um material sobre músicas

As razões que levaram a escolha desse tema foram muitas. Primeiramente, considerou-se a importância de registrar um patrimônio linguístico que se mantém vivo na memória dos mais velhos e, ao mesmo tempo, se encontra ameaçado diante de uma realidade presente em que cada vez menos se ouve a língua apurinã sendo falada nas aldeias – muito menos cantada. Tornam-se cada vez mais necessárias, portanto, as publicações que explorem a riqueza da língua apurinã servindo de apoio ao trabalho dos professores indígenas no dia a dia das escolas nas aldeias. Sendo assim, a ideia é que as músicas transcritas e traduzidas neste material sirvam como **material de divulgação** para as organizações indígenas e como material de apoio para o ensino da língua e da cultura apurinã por meio de suas poesias, seus ritmos e suas melodias.

Vale ressaltar que, apesar da significância do tema, não existe na literatura sobre o povo Apurinã nenhum estudo e registro sobre suas músicas ou sua musicalidade, muito menos um esforço de compreensão sobre o que dizem e significam essas músicas. Assim, a proposta de fazer um material sobre os cantos apurinã, no contexto do Projeto *Rios e Redes*, foi não apenas registrar uma forma de expressão específica desse povo, mas também de buscar compreender o que esses cantos estão dizendo, o que podem dizer sobre a percepção e relação dos Apurinã com a floresta, o que podem dizer, enfim, sobre eles próprios.

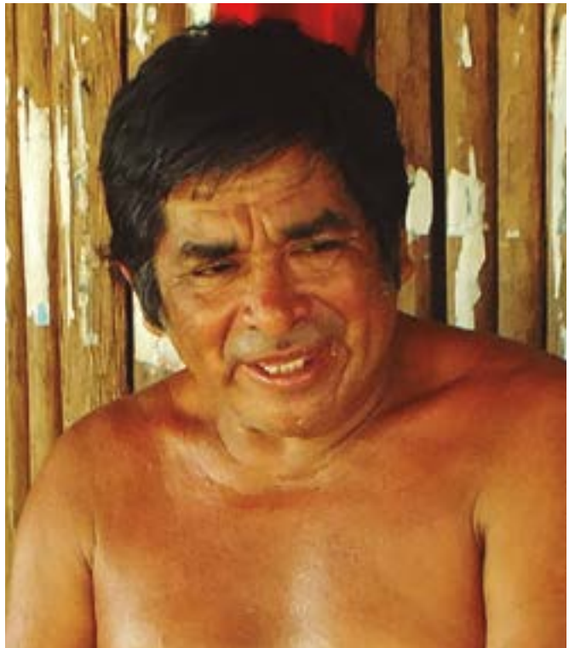
Uma leitura atenta dos discursos musicalizados reunidos neste material permite observar como o processo de musicalização para os Apurinã é uma maneira de lidarem com diversas categorias de "outros". Nesse sentido, podemos pensar nesses cantos como sons e ritmos que entrelaçam a socialidade desse povo com rios, igarapés, trovões, animais, árvores, ancestrais e outros seres não humanos que habitam os vastos espaços da floresta. Sendo assim, as músicas apurinã possibilitam a gente adentrar poeticamente uma paisagem que não excluem outros tipos de ser vivo, pelo contrário, elas mostram que aquilo que os brancos chamam de natureza está integrado ao mundo social dos indígenas.

É importante lembrar que este material não tem a pretensão de esgotar o assunto. Pelo contrário, pretende apenas ser um primeiro passo, uma primeira abertura para futuras pesquisas que sejam capazes de dar conta da profundidade, amplitude e riqueza que as músicas apurinã carregam. Melhor ainda se pesquisas sobre esse tema forem aprofundadas e levadas adiante pelos próprios Apurinã.



Mateãka, José Araújo Lopes Apurinã
Aldeia Nova Vida, Baixo rio Seruini

Cacique da aldeia Nova Vida, seu Araújo nasceu e sempre viveu no Rio Seruini. Contribuiu cantando belas músicas fáceis de aprender.



Kakoyoru, Dário Lopes Apurinã
Aldeia Bom Jesus, T.I Seruini/Marienê

Liderança antiga da região do Rio Seruini, seu Dário cantou músicas junto com os seus familiares, e contribuiu compartilhando o seu conhecimento aprendido com seus pais e avós e as histórias de luta dos Apurinã pela demarcação de suas terras.

Matoma, Camilo Manduca da Silva Apurinã
Aldeia Vera Cruz, T.I Peneri/Tacaquiri

Além de narrador, curador e rezador, *toty* Camilo é conhecido em todo o Rio Purus como cantador, sendo convidado para cantar xinganés em muitos lugares. Conhece um enorme repertório de cantos, muitos dos quais aprendidos durante suas viagens astrais nas aldeias de seus antepassados.

Tunikepa, Elza Lopes Apurinã
Aldeia Cachoeira, T.I Peneri/Tacaquiri

Muito respeitada por sua experiência de vida e seu conhecimento em histórias, dona Elza (a "vovozinha") é uma verdadeira entusiasta da cultura e do povo Apurinã. Embora seja tímida, gosta de falar, contar histórias, compartilhar, ensinar. Seus cantos são amáveis e fáceis de aprender.

Atokatxi, Otávio Avelino Chaves Apurinã
Aldeia Mipiri, T.I Água Preta/Inari

Próximo do centenário, *toty* Otávio é muito respeitado por ser bom cantor, rezador e curador, além de ser um ótimo contador de histórias. Seus cantos se aproximam do gênero das cantilenas, que na sua voz rouca e cavernosa soam com grande profundidade.

Iuek, Francisco Marcelino da Silva Apurinã
Aldeia Vera Cruz, T.I Peneri/Tacaquiri

Professor e vice-coordenador da Opiaj, Francisco foi "alfabetizado" pelo avô, o finado João Grande, para se tornar pajé. A alfabetização no mundo dos brancos só veio acontecer aos 12 anos, quando decidiu ir estudar em uma comunidade ribeirinha próxima à sua aldeia. Após terminar os estudos, ingressou no curso de Magistério indígena *Pirayawara*, tornando-se professor e uma liderança respeitada dentro do movimento indígena pelo seu conhecimento apurado acerca da cultura apurinã. Sua participação foi fundamental para a concretização deste livro, como interlocutor e mediador no diálogo com os conhecedores e como intérprete e tradutor dos cantos.

AGRADECIMENTOS

A produção deste material só foi possível graças à compreensão, ao envolvimento, à participação e à colaboração de muitas pessoas.

Agradecemos a colaboração das instituições locais, nas seguintes pessoas: ao Wallace Apurinã, coordenador da Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadi do município de Pauini (OPIAJ), pelo incentivo e apoio à realização desse projeto; ao Kennedy Apurinã, ex-coordenador de Educação Escolar Indígena do município de Pauini – Semed/Pauini – pelo incentivo e a colaboração no processo de elaboração da proposta do material; ao Evangelista Apurinã ("chefinho"), coordenador da base local da Funai (CTL/FUNAI), pela colaboração na elaboração da proposta do material e pelo apoio logístico na primeira etapa da pesquisa; ao Catuta, barqueiro da Funai, pela gentileza em ter nos levado e nos acompanhado no histórico Rio Seruini.

Por fim, um agradecimento especial a todos os moradores, homens, mulheres e crianças das aldeias por onde passamos – pela compreensão, acolhimento, alimento, conversas e brincadeiras, pelo abrigo e pela amizade. Um agradecimento mais que especial aos conhecedores e cantadores que participaram da pesquisa por compartilharem seu rico conhecimento sobre a história e a cultura do povo *Pupỹkary*. Esperamos com este material retribuir minimamente tudo o que aprendemos com vocês ao longo dessa caminhada.

Ficha Catalográfica elaborada por Rita Cintia Pinto Vieira – CRB 11/718

M987 Músicas da floresta = Xikari ithupakeri pupykary sãkire /
Universidade Federal do Amazonas, Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI). – Manaus: EDUA, 2018.
63 p.: il. color.; 20x20 cm.

Em Português e Apurinã.
ISBN: 978-85- 526-0044-2

1. Canto folclórico - Apurinã. 2. Cultura indígena. 3. Arte. I. Universidade Federal do Amazonas. II. Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI). III. Título.

CDU 398.8(=1.82 Apurinã)

Realização

Parceria

Apoio

OPIAJ
Organização dos Povos Indígenas Apurinã e Jamamadí